



Rev. nuestramérica, 2022, n.º 20, edición continua, e7136567

Artículo depositado en Zenodo. DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.7136567>

Publicado en HTML, PDF y XML <http://nuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/e7136567>

Dossiê “Os pensamentos de Paulo Freire na atual pesquisa em educação”

Dossier “El pensamiento de Paulo Freire en la investigación actual en educación”

Dossier “Paulo Freire's thoughts in current research in education”

Maíra T Mendes

Cofundadora da Rede Emancipa,
educadora na Universidade Emancipa e na Universidade Estadual de Santa Cruz
(onde atua como docente da Licenciatura em Biologia e do Mestrado em Educação)
mtmendes@uesc.br

Apresentação

O ano de 2021 marcou o centenário de um dos educadores mais lidos no mundo, expoente da educação crítica e popular, o brasileiro Paulo Freire. Em contexto de fissura no tecido social, provocado pelo aprofundamento da crise econômica, política, ambiental e seus reflexos institucionais e na subjetividade humana, o retorno a um pensador que sempre fez questão de afirmar a utopia como necessária à humanização é fundamental.

Dentre as diversas iniciativas de celebração e releitura do significado de esperar em meio ao avanço em todo o mundo de ideologias de extrema direita, signo maior da desumanização combatida por Freire, uma delas nos permitiu singelamente chegar à pessoa que nos lê: tratou-se da Conferência de Estudantes “Os pensamentos de Paulo Freire na atual pesquisa em educação”, organizada através da parceria entre o Cambridge *Latin America Research in Education Collective* (CLAREC) e a Universidade Emancipa.

O primeiro grupo se organizou na Universidade de Cambridge a partir da afirmação da importância de uma das universidades mais tradicionais reconhecer epistemologias secundarizadas, especialmente aquelas que surgem da experiência de intelectuais de nações periféricas, com foco na América Latina. O segundo congrega as experiências de um movimento social brasileiro que busca criar espaços de formação de seus próprios intelectuais, sobretudo por meio das brechas nas universidades, como a extensão universitária, os projetos que constroem pontes entre saberes e derrubam muros ao conhecimento para estudantes das periferias. A interseção entre estes dois grupos se deu precisamente através da celebração de Freire e do desejo de promover o encontro e a troca de experiências a partir da Conferência que depois passou a ser batizada com o nome do educador¹.

¹ Após rodadas de avaliação deste espaço, o nome “Conferência de Estudantes” foi atualizado para “Conferência Freire”, e sua segunda edição ocorre no mês de outubro de 2022, sediada pela Universidade de Cambridge e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Os trabalhos reunidos neste dossiê representam parte do diálogo empreendido na primeira edição da Conferência, a partir de ricas leituras e releituras da obra do educador aplicadas aos mais diversos campos educacionais - e além. Os textos, muitos deles escritos ainda em um momento crítico da pandemia, representam o retrato de um contexto de isolamento. O compartilhamento destas experiências, portanto, representou uma oportunidade de romper com este distanciamento, tendo Paulo Freire e a comemoração de seu centenário como mote principal.

É oportuno retomar o que Paulo Freire dialoga com Sérgio Guimarães no seu *Partir da infância: diálogos sobre educação*² a respeito do isolamento. Discorrendo acerca das escolas isoladas³, Sérgio Guimarães questiona sobre a prática das professoras que atuavam nestes espaços, geralmente mais periféricos em relação aos centros urbanos, o que Freire denomina de "áreas populares". Para ele, as crianças destas áreas não estariam "submetidas a determinadas formas burocratizadas de comportar-se, de sentar-se, de abrir um caderno" (22). Freire elenca alguns elementos desejáveis a estas educadoras: a) sensibilidade social, histórica e política; b) formação pedagógica; c) capacidade de compreender e refletir sobre a própria prática; d) colocar em diálogo alunos com diferentes níveis de experiência em uma espécie de intercâmbio.

Mais ainda, Freire destaca a importância de esta educadora se organizar com outras em situação semelhante em seu território, discutindo sua prática - para que "a professora da escola isolada não estivesse tão isolada! Isolada de instrumentos, isolada de materiais, isolada de companheirismo, isolada de encontros em que se fizesse a análise da prática, por exemplo"⁴.

Curioso que tenha sido em um contexto tão distinto que o isolamento tenha se manifestado de maneira tão semelhante ao descrito há 40 anos. Fato é que Freire conclui que esta professora - e aqui estendemos a educadoras e educadores que vivenciaram a experiência do isolamento pandêmico - precisa lutar muito para não perder a esperança: "É isso que eu acho o fundamental: ela tem que ter - e o difícil é isso! - uma certa clareza política, para que a esperança não morra" (23).

Paulo Freire insiste que a desesperança como programa nos imobiliza, nos faz sucumbir ao fatalismo. "Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós"⁵.

Esta esperança, como a "flor no asfalto" de Drummond⁶, vai tomando corpo pouco a pouco na atualidade, reconstruído pelas educadoras e educadores, antes isolados, que enfim se encontram. Não porque a esperança tenha uma capacidade mágica de transformar a realidade, mas porque está ancorada em uma prática que aposta na construção de inéditos viáveis.

Desta forma, condições novas, que emergem do encontro entre sujeitos diversos, permitem que este semear seja constatado como factível. A esperança substantiva é transformada na ação de esperar, como a flor que rompe o asfalto. Como resultado desta leitura, esperamos contribuir para a compreensão crítica dos conflitos sociais e a transformação da fraqueza dos oprimidos em nossa própria força⁷. Ao constatarmos a existência destas utopias pensadas e praticadas, esperamos o hoje para tecer o amanhã.

² Freire, Paulo; Guimarães, Sérgio. *Partir da infância: diálogos sobre educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Anteriormente publicado pela mesma editora sob o título *Sobre Educação: diálogos* (Parte 1). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

³ De acordo com Viega e Galvão (2012), o sistema de escolas isoladas esteve em vigor no Brasil entre o século XIX e início do XX, e era composto por aulas avulsas ministradas por mestres-escola em suas próprias residências ou em casas alugadas, frequentemente em regiões suburbanas ou rurais. Ver Viega, Juliana G. A. B.; Galvão, Ana Maria O. As escolas isoladas nas décadas iniciais do século XX: o estudo de uma instituição. *Cadernos de História da Educação*, vol. 11, n. 2, p. 479-500, jul./dez. 2012.

⁴ Cf. Freire; Guimarães (1982, 23).

⁵ Freire, Paulo *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (14).

⁶ "Uma flor ainda desbotada / ilude a polícia, rompe o asfalto. / Façam completo silêncio, paralise os negócios, / garanto que uma flor nasceu [...] / É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio". Andrade, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

⁷ Cf. Freire (1997).